

DAVID HUME

RESUMO
de
UM TRATADO
DA NATUREZA HUMANA

edição bilíngüe



EDITORA PARAULA

DAVID HUME

RESUMO
de
UM TRATADO
DA NATUREZA HUMANA

edição bilingüe



EDITORA PARAULA



DAVID HUME

RESUMO

de

UM TRATADO
DA NATUREZA HUMANA

edição bilingüe

Direção da Tradução: Rachel Gutiérrez
José Sotero Caio
Revisão da Tradução: Carmen Serralta Hurtado

Desenho da capa: retrato de David Hume.



Tradução:
Rachel Gutiérrez e José Sotero Caio

EDITORA PARAULA





Apresentamos ao leitor o texto e a tradução de um escrito singular do filósofo David Hume (1711-1776), publicado em 1740 com o título *An Abstract of A Treatise of Human Nature*, ou seja, *Resumo de um Tratado da Natureza Humana*. Sua singularidade consiste em ter sido publicado anonimamente pelo filósofo com o objetivo de chamar a atenção do público para a importância e originalidade do *Tratado da Natureza Humana*, o qual, segundo a apreciação do próprio Hume, teria vindo à luz do mundo como um natimorto. Sumariando-o cuidadosamente neste escrito, julgava Hume que pudesse torná-lo um tanto mais inteligível aos seus leitores.

O *Tratado*, com efeito, tinha sido publicado pouco antes: em 1739 os dois primeiros livros: Livro I — *Sobre o entendimento* e Livro II — *Sobre as Paixões*; em 1740, o Livro III — *Sobre a Moral*. Não ganhou, conforme almejava seu autor, a imediata simpatia do público. De tal sorte que, desiludido, resolveu fazer-lhe este sumário, atribuindo o desinteresse “à extensão e abstração do argumento”.

1. Hume e sua obra

Nasceu David Hume em Edimburgo (Escócia) de uma família da pequena nobreza fundiária, em 26 de abril de 1711. Muito cedo apaixonou-se pelo estudo dos clássicos e da filosofia. Com 18 anos de idade, surgiu-lhe a intuição de um novo panorama de pensamento — a *new scene of thought*: a Ciência da Natureza

Humana como uma novíssima visão filosófica da totalidade do mundo. Essa intuição proporcionou-lhe efetivamente a idéia básica do *Tratado da Natureza Humana*, sua principal obra, seu trabalho mais profundo e mais meditado.

O fato de ter sido o *Tratado* praticamente ignorado pelos seus contemporâneos, levou Hume a refundi-lo sucessivamente. Em 1748 apareceram os *Ensaíos sobre o entendimento humano*. Trata-se da reconstrução do Livro I do *Tratado*, cujo título definitivo veio a ser, a partir de 1758, *Investigações sobre o entendimento humano*. Em 1751 vieram à luz as *Investigações sobre os princípios da Moral*, ou seja, uma nova redação do Livro III do *Tratado*. Considerada pelo próprio autor como a melhor de suas obras, seu mérito foi em seguida obscurecido pelo valor que a posteridade atribuiu às

Investigações sobre o entendimento humano. Entre 1752 e 1757 publicou outras obras, entre as quais se destacaram as duas Histórias da Inglaterra. Em 1763 foi nomeado secretário da Embaixada da Inglaterra em Paris, entrando em boas relações com Diderot, D'Alembert e com outros enciclopedistas. Em 1776 regressou à Inglaterra acompanhado por Rousseau, oferecendo a este sua proteção. Não obstante, a grave mania de perseguição que dominava Jean-Jacques fez com que este o acusasse de encabeçar uma conspiração para arruiná-lo. O caso produziu muito rumor, levando Hume a expor publicamente sua posição (Cf. *Letters*, II, 7-5; 13-17, 27-36, etc.).

Em julho de 1769, regressa a Edimburgo para retomar sua vida de estudos, rodeado pela alegria de suas relações de amizade. Um dos seus amigos mais ín-

timos foi o célebre Adam Smith, antigo professor de Lógica e Filosofia Moral na Universidade de Glasgow e autor do famoso *Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações* (1776). Desde o mês de março de 1775, a saúde de Hume preocupava muito seus amigos. Logo se diagnosticou um tumor no fígado que rapidamente se agravou. Faleceu em Edimburgo o "célebre David Hume" (como dizia Kant) no dia 27 de agosto de 1776.

2. A Ciência da Natureza Humana como o novo cenário do pensamento: a propósito de Hume e Kant.

Acrescentando à designação do seu *Tratado da Natureza Humana* o subtítulo: "uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocinar nos

assuntos morais”, indicou claramente Hume quais os traços essenciais para ele do novo cenário do pensamento. Assim como Bacon, Galileu e Newton, à base da observação e do raciocínio experimental, haviam construído uma sólida perspectiva da natureza física, tratava-se agora de aplicar o mesmo método também à natureza humana. Hume não se vê sozinho neste empreendimento. Cita, entre outros, Locke, Shaftesbury, Mandeville, Hutcheson e Butler como os mais recentes instauradores de um novo estilo de filosofar no Reino Unido. Parece então que seu projeto consiste em se tornar o Newton da Ciência da Natureza Humana. Entretanto, esse novo cenário do pensamento veio a significar, de fato, o desenrolar de um encarniçado campo de batalha no qual se levou a cabo a maior ofensiva jamais pensada contra a

metafísica tradicional desde sua criação entre os antigos gregos. Ninguém melhor do que Kant, para quem “a lembrança de David Hume foi justamente o que há muitos anos — diz ele — interrompeu pela primeira vez meu sono dogmático”, resumiu o verdadeiro problema colocado pelo filósofo escocês:

Hume tomou como ponto de partida um único mas importante conceito da metafísica, ou seja, o da conexão entre causa e efeito (e, por conseguinte, os conceitos daí derivados, de força e de ação, etc.); desafiou a razão, que pretende ter gerado este conceito em seu seio, a responder-lhe precisamente com que direito ela pensa que uma coisa possa ter sido criada de tal maneira que, uma vez posta, possa-se depre-

ender daí que outra coisa qualquer também deva ser posta; pois isso é o que afirma o conceito de causa. Demonstrou de maneira irrefutável ser totalmente impossível a razão pensar esta conexão *a priori* e a partir de conceitos, pois ela encerra a necessidade; não é, pois, possível conceber que, pelo fato de uma coisa ser, outra coisa deva *ser* necessariamente e como seja possível introduzir *a priori* o conceito de tal conexão... A partir daí concluiu que a razão não tem a faculdade de pensar em tais conexões, mesmo de um modo geral, porque seus conceitos não passariam então de simples ficções e todos os seus pretensos conhecimentos *a priori* não seriam mais do que experiências comuns mal rotuladas, o que equivale a afir-

mar: não há em parte alguma e nem pode haver uma metafísica.

(*Prolegômenos*)

Todo o esforço do projeto crítico de Kant consistiu, como se sabe, em tentar solucionar a questão levantada por Hume. Compreender profunda e exaustivamente a natureza da razão pura — tal foi o programa que Kant se propôs em suas obras mais celebradas, a saber: *Crítica da Razão Pura* (1781), *Crítica da Razão Prática* (1788) e *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790). Importa muito observar que Hume jamais colocara em dúvida a utilidade e mesmo a indispensabilidade do conceito de causa para todo conhecimento da natureza em geral. Sua questão se concentrava precisamente na seguinte direção: Será que o conceito de causa (substância, força, ação, etc.) tem

efetivamente uma verdade intrínseca, independente de toda experiência (passada, presente ou possível)? Será que, por conseguinte, tal conceito teria uma aplicabilidade mais ampla do que a de se limitar aos objetos da experiência? Poderia — por outras palavras — ser aplicado legitimamente ao campo do pensamento puro, ou seja, aos temas tratados pela metafísica, tais como *Deus* e a *alma*?

Ora, parece que a questão de Hume ainda hoje não se acha completamente resolvida, não obstante o esforço genial de Kant para enfrentá-la. Ainda hoje, com efeito, não parece claro em que cenário real deve ser colocado o problema epistemológico, ou seja, o problema do *valor de verdade* dos conhecimentos humanos. Não há dúvida que a perspectiva sistemática de Hume se colocava claramente dentro de um quadro antropológi-

co muito explícito. Kant, por sua vez, tentou deslocar o problema para um horizonte decididamente metafísico ou quase-metafísico (transcendental). Já de um outro ângulo, os filósofos ingleses, quer antecessores, quer contemporâneos de Hume, manifestaram juntamente com ele a lúcida consciência de que a via que procuravam era um método completamente original. Original, não somente em relação ao espírito filosófico do resto da Europa de então, mas também em relação à maneira como os filósofos da Antiguidade haviam tratado dos assuntos humanos. Daí porque — sem dar ouvidos apressados à censura tradicional que descarta Hume como um cético inconsequente — a questão posta por ele precisa ser, mais uma vez, reexaminada.

É evidente que tal exame não cabe dentro dos limites desta nossa apresen-

tação. O certo é que o ceticismo de Hume — tão proclamado e censurado, mas nem sempre bem aquilatado e compreendido — se situava tão somente no plano da metafísica tradicional. Uma vez que ele não acreditava que se pudesse navegar por águas claras entre o Cila de Berkeley e o Caríbde de Locke, também não pretendeu nunca justificar uma ciência humana que almejasse ir além da experiência. Sendo assim, ao passo que Hume ensinava que todos os nossos conceitos derivam em última análise da experiência (externa ou interna) — seguindo nisto, aliás, o famoso adágio aristotélico-tomista: “nada se acha na inteligência sem que antes se achasse nos sentidos” (*nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*), tentou Kant, por seu lado, mostrar que eles seriam de fato independentes da experiência, muito embora

devessem estar sempre em conexão com ela para produzir conhecimentos confiáveis. Eis porque, para Hume, era óbvia e viável uma ciência antropológica, mesmo que não fosse possível chegar à certeza de seus últimos princípios de acordo com os tradicionais ensinamentos da metafísica.

Com incontestável coerência, portanto, concebe Hume o cenário apropriado à crítica do alcance e limites dos conhecimentos humanos num sistema científico de natureza antropológico-filosófica. Em contraste com Kant, jamais pensou que fosse preciso apresentá-lo como dotado de prerrogativas racionais puras, isto é, apoiado numa síntese apriorística. Para ele, com efeito, a ordem puramente lógica não podia ser o horizonte adequado para tratar do problema epistemológico. Sob este ponto de vista, assinala sua ple-

na adesão às críticas de Leibniz contra as estreitezas dos lógicos de seu tempo, conforme se lê no resumo aqui apresentado. E mais: manifesta porque, a seu juízo, a ordem lógica e criteriológica pertence a um conjunto de fatos humanos mais vasto (como as paixões, as emoções, os sentimentos, os desejos, etc.) fora do qual a ordem dos conceitos nem pode ser arrancada completamente, nem, por conseguinte, exatamente compreendida.

Deve-se dizer que as aludidas censuras de Leibniz contra a mentalidade estreita dos velhos lógicos de seu tempo conservam ainda hoje todo o seu alcance, desde que se trate de criticar certas visões grosseiramente dogmáticas ou cientificistas de muitos lógicos e epistemólogos contemporâneos. Pois, em geral, é de probabilidades e outros padrões de evidência — lembra-nos Hume — que

nossa vida e nossa ação inteiramente dependem. Padrões que são também os nossos guias na maior parte de nossas especulações filosóficas.

Percebe-se assim o espírito segundo o qual se desenvolveu a epistemologia humeana. Talvez se deva hoje retomar, depois de Kant, a perspectiva de Hume, aprofundando-a em novas e fecundas direções. Uma delas conduz, por exemplo, ao caminho de uma antropologia das profundezas sugerida pelas pesquisas psicanalíticas interpretadas e compreendidas filosoficamente. Contudo, este é um projeto a ser examinado noutra oportunidade.

José Sotero Caio

Rio de Janeiro, setembro de 1994.

An Abstract of
a book lately published, entitled,
A Treatise of Human Nature, &c.



Resumo de
um livro recentemente publicado,
intitulado
Um Tratado da Natureza Humana, etc.



PREFACE

My expectations in this small performance may seem somewhat extraordinary, when I declare that my intentions are to render a larger work more intelligible to ordinary capacities, by abridging it. 'Tis however certain, that those who are not accustomed to abstract reasoning, are apt to lose the thread of argument, where it is drawn out to a great length, and each part fortified with all the arguments, guarded against all the objections, and illustrated with all the views, which occur to a writer in the



PREFÁCIO

Minha expectativa em relação a este pequeno empreendimento pode parecer um tanto extraordinária, ao declarar que minha intenção é tornar uma obra extensa mais inteligível, para a capacidade do leitor comum, mediante seu resumo. É, contudo, certo que as pessoas não familiarizadas com o raciocínio abstrato tendem a perder o fio da argumentação, quando esta se desdobra muito extensamente e cada parte se solidifica com todos os argumentos, prevenida contra todas as objeções e ilustrada com

diligent survey of his subject. Such Readers will more readily apprehend a chain of reasoning, that is more single and concise, where the chief propositions only are linkt on to each other, illustrated by some simple examples, and confirmed by a few of the more forcible arguments. The parts lying nearer together can better be compared, and the connexion be more easily traced from the first principles to the last conclusion.

The work, of which I here present the Reader with an abstract, has been complained of as obscure and difficult to be comprehended, and I am apt to think, that this proceeded as much from the length as from the abstractedness of the argument. If I have remedy'd this inconvenience in any degree, I have attain'd

todas as perspectivas que ocorrem a um escritor ocupado na exploração diligente do seu tema. Tais leitores captarão com mais rapidez uma cadeia de raciocínios mais concentrada e concisa, na qual as proposições-chave se articulam mutuamente, ilustradas por alguns exemplos simples e confirmadas por alguns poucos argumentos mais decisivos. Encontrando-se as partes mais próximas umas das outras, podem ser melhor comparadas, bem como pode ser mais facilmente traçada a conexão entre elas desde os primeiros princípios até à última conclusão.

A obra, cujo resumo apresento aqui ao leitor, foi criticada como obscura e de difícil compreensão, e inclino-me a pensar que tal crítica procede tanto da extensão quanto da abstração do argumento. Se tal

my end. The book seem'd to me to have such an air of singularity, and novelty as claim'd the attention of the public; especially if it be found, as the Author seems to insinuate, that were his philosophy receiv'd, we must alter from the foundation the greatest part of the sciences. Such bold attempts are always advantageous in the republic of letters, because they shake off the yoke of authority, accustom men to think for themselves, give new hints, which men of genius may carry further, and by the very opposition, illustrate points, wherein no one before suspected any difficulty.

The Author must be contented to wait with patience for some time before the learned world can agree in their sentiments of his performance. 'Tis his mis-

inconveniente tiver sido remediado em alguma medida, dou por cumprido meu objetivo. O livro pareceu-me possuir tal atmosfera de singularidade e novidade que mereceria a atenção do público; especialmente se tiver fundamento, como o autor parece insinuar, que, uma vez acolhida sua filosofia, seremos obrigados a alterar desde suas bases a maioria das ciências. Tão arrojadadas tentativas são sempre de grande proveito na república das letras, porque abalam o jugo da autoridade, habituam os homens a pensar por si mesmos, dão sugestões novas que os homens de gênio podem levar adiante e, pela própria oposição, esclarecem pontos nos quais ninguém antes suspeitara nenhuma dificuldade.

O Autor precisa contentar-se com esperar pacientemente durante algum tempo

fortune, that he cannot make an appeal to the people, who in all matters of common reason and eloquence are found so infallible a tribunal. He must be judged by the *mob*, whose verdict is more apt to be corrupted by partiality and prejudice, especially as no one is a proper Judge in these subjects, who has not often thought of them; and such are apt to form to themselves systems of their own, which they resolve not to relinquish. I hope the Author will excuse me for intermeddling in this affair, since my aim is only to *encrease* his auditory, by removing some difficulties, which have kept many from apprehending his meaning.

I have chosen one simple argument, which I have carefully traced from the beginning to the end. This is the only

até que o mundo culto venha a aceitar a sua realização. Para seu infortúnio, não lhe é possível *fazer apelo ao povo*, o qual, em todas as questões de razão comum e eloquência, é considerado um tribunal tão infalível. Deve ser julgado por aqueles *roucos* cujo veredito é mais suscetível de ser corrompido pela parcialidade e preconceito, sobretudo quando ninguém é juiz apropriado nos assuntos sobre os quais não pensou com freqüência; e *tais* indivíduos tendem a elaborar para si mesmos sistemas próprios, que decidem não abandonar. ~~Espero~~ que o Autor me perdoe por me imiscuir neste assunto, já que meu objetivo é tão somente o de aumentar sua audiência removendo algumas dificuldades que impediram a muitos de apreender seu significado.

Escolhi um único argumento que

point I have taken care to finish. The rest is only hints of particular passages, which seem'd to me curious and remarkable.



desenvolvi cuidadosamente do começo ao fim. Foi este o único ponto que tive o cuidado de levar a cabo. Quanto ao resto, trata-se de sugestões sobre certas passagens específicas, que me pareceram curiosas e dignas de nota.





This book seems to be wrote up on the same plan with several other works that have had a great vogue of late years in England. The philosophical spirit, which has been so much improved all over Europe within these last fourscore years, has been carried to as great a length in this kingdom as in any other. Our writers seem even to have started a new kind of philosophy, which promises more both to the entertainment and advantage of mankind, than any other with which the world has been yet acquainted. Most of the philosophers of



Este livro parece ter sido escrito obedecendo ao mesmo plano de vários outros trabalhos, que têm tido grande voga na *Inglaterra*, nos últimos anos. O espírito filosófico, que tanto se desenvolveu nestas oito décadas em toda a *Europa*, neste reino foi levado tão longe quanto em qualquer outro. Nossos autores parecem até ter inaugurado um novo tipo de filosofia, que promete mais entretenimento e proveito à humanidade do que qualquer outro conhecido pelo mundo. A maioria dos filósofos da Antigüidade que trataram da natureza humana

antiquity, who treated of human nature, have shewn more of a delicacy of sentiment, a just sense of morals, or a greatness of soul, than a depth of reasoning and reflection. They content themselves with representing the common sense of mankind in the strongest lights, and with the best turn of thought and expression, without following out steadily a chain of propositions, or forming the several truths into a regular science. But 'tis at least worth while to try if the science of man will not admit of the same accuracy which several parts of natural philosophy are found susceptible of. There seems to be all the reason in the world to imagine that it may be carried to the greatest degree of exactness. If, in examining several phaenomena, we find that they re-

mostrou mais delicadeza de sentimentos, senso justo da moral, ou grandeza de alma, que profundidade de raciocínio e reflexão. Contentou-se em representar o senso comum humano sob a mais viva luz e com a melhor forma de pensamento e expressão, sem seguir sistematicamente uma cadeia de proposições, nem organizar as várias verdades em uma ciência rigorosa. No entanto, vale a pena ao menos perguntar se a ciência do *homem* não comporta a mesma precisão de que se julgam suscetíveis várias partes da filosofia natural. Parece haver toda a razão do mundo para supor que ela pode ser levada ao mais alto grau de exatidão. Se, examinando vários fenômenos, verificamos que obedecem a um princípio comum, e se podemos ligar esse princípio a outro,

solve themselves into one common principle, and can trace this principle into another, we shall at last arrive at those few simple principles, on which all the rest depend. And tho' we can never arrive at the ultimate principles, 'tis a satisfaction to go as far as our faculties will allow us.

This seems to have been the aim of our late philosophers, and, among the rest, of this author. He proposes to anatomize human nature in a regular manner, and promises to draw no conclusions but where he is authorized by experience. He talks with contempt of hypotheses; and insinuates, that such of our countrymen as have banished them from moral philosophy, have done a more signal service to the world, than my Lord Bacon, whom

chegaremos finalmente àqueles poucos princípios simples, dos quais todos os outros dependem. E embora jamais possamos chegar aos últimos princípios, é uma satisfação ir até onde nos permitem nossas faculdades.

Parece ter sido este o propósito de nossos filósofos mais recentes, e, entre outros, o deste autor. Ele propõe anatomizar metodicamente a natureza humana, e promete só chegar a conclusões autorizadas pela experiência. Fala das hipóteses com desprezo; e insinua que aqueles dos nossos compatriotas que as baniram da filosofia moral prestaram um serviço mais significativo ao mundo do que Lord Bacon, que ele considera o pai da física experimental. Menciona, nesta ocasião, o Sr. Locke, Lord Shaftsbury, o

he considers as the father of experimental physicks. He mentions, on this occasion, Mr. Locke, my Lord Shaftsbury, Dr. Mandeville; Mr. Hutchison, Dr. Butler, who, tho' they differ in many points among themselves, seem all to agree in founding their accurate disquisitions of human nature intirely upon experience.

Beside the satisfaction of being acquainted with what most nearly concerns us, it may be safely affirmed, that almost all the sciences are comprehended in the science of human nature, and are dependent on it. The sole end of logic is to explain the principles and operation of our reasoning faculty, and the nature of our ideas; morals and criticism regard our tastes and sentiments; and politics consider men as united in society, and

Dr. Mandeville, o Sr. Hutchison, o Dr. Butler, os quais, embora discordem entre si em muitos pontos, parecem todos concordar em fundar suas acuradas investigações da natureza humana inteiramente sobre a experiência.

Além da satisfação de tomar conhecimento do que nos diz respeito mais de perto, podemos afirmar tranquilamente que quase todas as ciências são compreendidas pela ciência da natureza humana, e dela dependem. A única finalidade da lógica é explicar os princípios e Operações de nossa faculdade de raciocínio, e a natureza de nossas idéias; a moral e a crítica dizem respeito aos nossos gostos e sentimentos; e a política considera os homens enquanto unidos na sociedade e dependentes uns dos outros. Este tratado da

dependent on each other. *This treatise therefore of human nature seems intended for a system of the sciences. The author has finished what regards logic, and has laid the foundation of the other parts in his account of the passions.*

The celebrated Monsieur Leibniz has observed it to be a defect in the common systems of logic, that they are very copious when they explain the operations of the understanding in the forming of demonstrations, but are too concise when they treat of probabilities, and those other measures of evidence on which life and action intirely depend, and which are our guides even in most of our philosophical speculations. In this censure, he comprehends the essay on human understanding, la recherche de la vérité, and

natureza humana, portanto, parece destinado a tornar-se um sistema das ciências. O autor completou o que diz respeito à lógica e lançou os fundamentos das outras partes em sua consideração sobre as paixões.

O célebre Sr. *Leibniz* observou que é um defeito dos habituais sistemas da lógica a prolixidade quando explicam as operações do entendimento, na formulação de demonstrações; mas são demasiado concisos quando tratam das probabilidades e daqueles outros padrões de evidência dos quais a vida e a ação dependem inteiramente, e que são nossos guias até mesmo na maior parte de nossas especulações filosóficas. Nessa censura, engloba o *ensaio sobre o entendimento humano, la recherche de la vérité et l'art de*

l'art de penser. *The author of the treatise of human nature seems to have been sensible of this defect in these philosophers, and has endeavoured, as much as he can, to supply it. As his book contains a great number of speculations very new and remarkable, it will be impossible to give the reader a just notion of the whole. We shall therefore chiefly confine ourselves to his explication of our reasonings from cause and effect. If we can make this intelligible to the reader, it may serve as a specimen of the whole.*

Our author begins with some definitions. He calls a perception whatever can be present to the mind, whether we employ our senses, or are actuated with passion, or exercise our thought and reflection. He divides our perceptions into

penser. O autor do tratado da natureza humana parece ter percebido este defeito de tais filósofos e dedicou-se, tanto quanto lhe foi possível, a supri-lo. Como seu livro contém um grande número de especulações muito novas e dignas de nota, será impossível dar ao leitor uma justa noção do todo. Por isso, limitar-nos-emos principalmente à sua explicação de nossos raciocínios sobre causa e efeito. Se conseguirmos torná-la inteligível ao leitor, poderá servir como uma amostra do conjunto.

Nosso autor começa com algumas definições. Chama percepção o que quer que se apresente à mente, quer empreguemos nossos sentidos, sejamos movidos pela paixão, ou exercitemos nosso pensamento e reflexão. Divide nossas percepções em duas espécies, a saber, impressões e idéias.

two kinds, viz. impressions and ideas. When we feel a passion or emotion of any kind, or have the images of external objects conveyed by our senses; the perception of the mind is what he calls an impression, which is a word that he employs in a new sense. When we reflect on a passion or an object which is not present, this perception is an idea. Impressions, therefore, are our lively and strong perceptions; ideas are the fainter and weaker. This distinction is evident; as evident as that betwixt feeling and thinking.

The first proposition he advances, is, that all our ideas, or weak perceptions, are derived from our impressions, or strong perceptions, and that we can never think of any thing which we have not seen without us, or felt in our own minds. This

Quando sentimos qualquer tipo de paixão ou emoção, ou captamos as imagens de objetos externos trazidas por nossos sentidos, a percepção da mente é o que ele chama *impressão*, palavra empregada por ele em um novo sentido. Quando refletimos sobre uma paixão, ou um objeto que não está presente, esta percepção é uma *idéia*. As impressões são, portanto, nossas percepções vívidas e fortes; as idéias são percepções mais esmaecidas e fracas. Essa distinção é evidente; tão evidente como a distinção entre sentir e pensar.

A primeira proposição que ele adianta é que todas as nossas idéias, ou percepções fracas, deriyam de nossas impressões, ou percepções fortes, e que jamais podemos pensar em qualquer coisa que não tenhamos visto fora de nós, ou senti-

proposition seems to be equivalent to that which Mr. Locke has taken such pains to establish, viz. that no ideas are innate. Only it may be observed, as an inaccuracy of that famous philosopher, that he comprehends all our perceptions under the term of idea, in which sense it is false, that we have no innate ideas. For it is evident our stronger perceptions or impressions are innate, and that natural affection, love of virtue, resentment, and all the other passions, arise immediately from nature. I am persuaded, whoever would take the question in this light, would be easily able to reconcile all parties. Father Malebranche would find himself at a loss to point out any thought of the mind, which did not represent something antecedently felt by it, either

do em nossas próprias mentes. Essa proposição parece equivalente àquela que o Sr. Locke tanto se esforçou em demonstrar, segundo a qual *não existem idéias inatas*. Todavia, podemos observar, como uma imprecisão daquele famoso filósofo, o abranger todas as nossas percepções sob o termo *idéia*, nesse sentido sendo falso afirmar que não temos *idéias inatas*. Pois é evidente que nossas mais fortes percepções ou impressões são inatas, e que a afeição natural, o amor da virtude, o ressentimento e todas as outras paixões, brotam imediatamente da natureza. Estou persuadido de que se alguém examinasse a questão sob essa luz, seria capaz de reconciliar todas as correntes. O Padre Malebranche teria muita dificuldade em apontar qualquer pensamento da mente que não repre-

internally, or by means of the external senses, and must allow, that however we may compound, and mix, and augment, and diminish our ideas, they are all derived from these sources. Mr. Locke, on the other hand, would readily acknowledge, that all our passions are a kind of natural instincts, derived from nothing but the original constitution of the human mind.

Our author thinks, "that no discovery could have been made more happily for deciding all controversies concerning ideas than this, that impressions always take the precedence of them, and that every idea with which the imagination is furnished, first makes its appearance in a correspondent impression. These latter perceptions are all so clear and evident,

sentasse algo precedentemente sentido por ela, fosse internamente, ou por meio dos sentidos externos, e deveria admitir que, embora possamos compor, misturar, aumentar ou diminuir nossas idéias, todas elas derivam dessas fontes. O Sr. Locke, por outro lado, reconheceria prontamente que todas as nossas paixões são uma espécie de instintos naturais derivados apenas da constituição original da mente humana.

Nosso autor pensa "que nenhuma descoberta poderia ter sido mais feliz, para decidir todas as controvérsias concernentes às idéias, do que esta de que as impressões sempre as antecedem, e que toda idéia que preenche a imaginação, faz antes sua aparição em uma impressão correspondente. Essas últimas percepções são

that they admit of no controversy; tho' many of our ideas are so obscure, that 'tis almost impossible even for the mind, which forms them, to tell exactly their nature and composition." Accordingly, wherever any idea is ambiguous, he has always recourse to the impression, which must render it clear and precise. And when he suspects that any philosophical term has no idea annexed to it (as is too common) he always asks from what impression that idea is derived? And if no impression can be produced, he concludes that the term is altogether insignificant. 'Tis after this manner he examines our idea of substance and essence; and it were to be wished, that this rigorous method were more practised in all philosophical debates.

'Tis evident, that all reasonings

todas tão claras e evidentes que não admitem controvérsia; embora muitas de nossas idéias sejam tão obscuras que é quase impossível, até para a mente, que as forma, dizer exatamente sua natureza e composição". Conseqüentemente, toda vez que uma idéia é ambígua, o autor pode recorrer à impressão, que a tornará clara e precisa. E quando suspeita (o que é tão comum) que determinado termo filosófico não se vincula a nenhuma idéia, pergunta sempre: *de que impressão deriva tal idéia?* E se impressão alguma pode ser encontrada, conclui que o termo é absolutamente insignificante; e seria de desejar que esse método rigoroso fosse aplicado com mais freqüência em todos os debates filosóficos.

É evidente que todos os raciocínios

concerning matter of fact are founded on the relation of cause and effect, and that we can never infer the existence of one object from another, unless they be connected together, either mediately or immediately. In order therefore to understand these reasonings, we must be perfectly acquainted with the idea of a cause; and in order to that, must look about us to find something that is the cause of another.

Here is a billiard-ball lying on the table, and another ball moving towards it with rapidity. They strike; and the ball, which was formerly at rest, now acquires a motion. This is as perfect an instance of the relation of cause and effect as any which we know, either by sensation or reflection. Let us therefore examine it. 'Tis evident, that the two balls touched one

a respeito da realidade se fundam na relação de causa e efeito, e que nunca podemos inferir a existência de um objeto de outro objeto, a menos que estejam interligados mediata ou imediatamente. Para compreender estes raciocínios, portanto, devemos olhar à nossa volta para encontrar alguma coisa que seja a causa de outra.

Eis uma bola de bilhar pousada sobre a mesa, e outra que se move na direção da primeira, com rapidez. As bolas se chocam; e a que antes se encontrava em repouso adquire agora um movimento. Este é um exemplo tão perfeito da relação de causa e efeito como qualquer outro conhecido, seja pela sensação ou pela reflexão. Examinemo-lo, pois. É evidente que as duas bolas se tocaram antes que o movi-

another before the motion was communicated, and that there was no interval betwixt the shock and the motion. Contiguity in time and place is therefore a requisite circumstance to the operation of all causes. 'Tis evident likewise, that the motion, which was the cause, is prior to the motion, which was the effect. Priority in time, is therefore another requisite circumstance in every cause. But this is not all. Let us try any other balls of the same kind in a like situation, and we shall always find, that the impulse of the one produces motion in the other. Here therefore is a third circumstance, viz. that of a constant conjunction betwixt the cause and effect. Every object like the cause, produces always some object like the effect. Beyond these three cir-

mento tivesse se comunicado, e que não houve intervalo entre o choque e o movimento. *Contigüidade* no tempo e no espaço é, portanto, uma circunstância requerida à operação de todas as causas. É igualmente evidente que o movimento que foi a causa, é anterior ao movimento que foi o efeito. *Prioridade* no tempo é, portanto, outra circunstância requerida em qualquer causa. Mas isso não é tudo. Se experimentarmos quaisquer outras bolas do mesmo tipo, em situação semelhante, verificaremos sempre que o impulso de uma produz movimento na outra. Eis, então, uma *terceira* circunstância, isto é, a da *conjunção constante* entre a causa e o efeito. Todo objeto como causa produz sempre algum objeto como efeito. Além dessas três circunstâncias: contigüidade, prioridade e

cumstances of contiguity, priority, and constant conjunction, I can discover nothing in this cause. The first ball is in motion; touches the second; immediately the second is in motion: and when I try the experiment with the same or like balls, in the same or like circumstances, I find, that upon the motion and touch of the one ball, motion always follows in the other. In whatever shape I turn this matter, and however I examine it, I can find nothing farther.

This is the case when both the cause and effect are present to the senses. Let us now see upon what our inference is founded, when we conclude from the one that the other has existed or will exist. Suppose I see a ball moving in a streight line towards another, I immediately con-

junção constante, não há nada que eu possa descobrir nessa causa. A primeira bola está em movimento; encosta na segunda; imediatamente, a segunda entra em movimento. E quando faço a experiência com a mesma bola, ou com outras semelhantes, em circunstâncias idênticas ou semelhantes, verifico que a partir do movimento e toque de uma bola, segue-se sempre um movimento da outra. Não posso encontrar nada além disso, por mais que examine a questão sob vários pontos de vista.

Esse é o caso quando tanto a causa quanto o efeito estão presentes aos sentidos. Vejamos, agora, em que se funda nossa inferência, quando deduzimos de um que o outro ocorreu ou irá ocorrer. Suponhamos que vejo uma bola movendo-se,

clude, that they will shock, and that the second will be in motion. This is the inference from cause to effect; and of this nature are all our reasonings in the conduct of life: on this is founded all our belief in history: and from hence is derived all philosophy, excepting only geometry and arithmetic. If we can explain the inference from the shock of two balls, we shall be able to account for this operation of the mind in all instances.

Were a man, such as Adam, created in the full vigour of understanding, without experience, he would never be able to infer motion in the second ball from the motion and impulse of the first. It is not any thing that reason sees in the cause, which make us infer the effect. Such an inference, were it possible, would

em linha reta, em direção a outra; imediatamente concluo que vão entrar em choque, e que a segunda adquirirá movimento. Essa é a inferência de causa a efeito; e dessa natureza são todos os nossos raciocínios na conduta da vida. Nisto se funda toda a nossa crença na história, e daí deriva toda a filosofia, excetuando-se apenas a geometria e a aritmética. Se podemos explicar a inferência a partir do choque de duas bolas, seremos capazes de dar conta desta operação da mente em qualquer caso.

Se um homem fosse criado, como Adão, no pleno vigor do entendimento, sem experiência, jamais seria capaz de inferir o movimento da segunda bola, a partir do movimento e impulso da primeira. Não é algo que a razão enxergue na causa

amount to a demonstration, as being founded merely on the comparison of ideas. But no inference from cause to effect amounts to a demonstration. Of which there is this evident proof. The mind can always conceive any effect to follow from any cause, and indeed any event to follow upon another: whatever we conceive is possible, at least in a metaphysical sense: but wherever a demonstration takes place, the contrary is impossible, and implies a contradiction. There is no demonstration, therefore, for any conjunction of cause and effect. And this is a principle, which is generally allowed by philosophers.

It would have been necessary, therefore, for Adam (if he was not inspired) to have had experience of the

que nos faz inferir o efeito. Tal inferência, se fosse possível, equivaleria a uma demonstração, fundada meramente na comparação de idéias. Mas nenhuma inferência de causa a efeito equivale a uma demonstração. Disto temos uma prova evidente. A mente sempre pode conceber qualquer efeito seguindo-se a qualquer causa e, na verdade, qualquer acontecimento seguindo-se a outro. O que quer que concebamos é possível, ao menos num sentido metafísico, mas onde ocorre uma demonstração, o contrário é impossível, e implica contradição. Não há nenhuma demonstração, pois, para qualquer conjunção de causa e efeito. E esse é um princípio geralmente admitido pelos filósofos.

Teria sido necessário, portanto, a Adão, (se não fosse inspirado) ter tido a

effect, which followed upon the impulse of these two balls. He must have seen, in several instances, that when the one ball struck upon the other, the second always acquired motion. If he had seen a sufficient number of instances of this kind, whenever he saw the one ball moving towards the other, he would always conclude without hesitation, that the second would acquire motion. His understanding would anticipate his sight, and form a conclusion suitable to his past experience.

It follows, then, that all reasonings concerning cause and effect, are founded on experience, and that all reasonings from experience are founded on the supposition, that the course of nature will continue uniformly the same. We conclude, that like causes, in like circum-

experiência do efeito que se seguiu ao impulso das duas bolas. Precisaria ter visto, em várias ocasiões, que quando uma das bolas batia na outra, a segunda sempre adquiria movimento. Se tivesse presenciado um número suficiente de casos desse tipo, quando visse o movimento de uma bola em direção à outra, concluiria sempre, sem hesitação, que a segunda se movimentaria. Seu entendimento se anteciparia à sua visão, e formaria uma conclusão ajustada à sua experiência passada.

Segue-se que todos os raciocínios relativos a causa e efeito são fundados na experiência, e que todos os raciocínios advindos da experiência são fundados no pressuposto de que o curso da natureza continuará uniformemente o mesmo. Concluímos que causas semelhantes, em seme-

stances, will always produce like effects. It may now be worth while to consider, what determines us to form a conclusion of such infinite consequence.

'Tis evident, that Adam with all his science, would never have been able to demonstrate, that the course of nature must continue uniformly the same, and that the future must be conformable to the past. What is possible can never be demonstrated to be false; and 'tis possible the course of nature may change, since we can conceive such a change. Nay, I will go farther, and assert, that he could not so much as prove by any probable arguments, that the future must be conformable to the past. All probable arguments are built on the supposition, that there is this conformity betwixt the future

lhantes circunstâncias, produzirão sempre efeitos semelhantes. Vale agora considerar o que nos determina a tirar uma conclusão de tão infinita conseqüência.

É evidente que Adão, com toda a sua ciência, jamais teria sido capaz de demonstrar que o curso da natureza deve continuar uniformemente o mesmo, e que o futuro deve ser conforme ao passado. O que é possível nunca pode ser demonstrado como falso; e é possível que o comportamento da natureza possa mudar, uma vez que podemos conceber tal modificação. Não é só isto; irei além e afirmarei que Adão não conseguiria provar, por quaisquer argumentos prováveis, que o futuro deve ser conforme ao passado. Todos os argumentos prováveis são construídos sobre a suposição de que há esta

and the past, and therefore can never prove it. This conformity is a matter of fact, and if it must be proved, will admit of no proof but from experience. But our experience in the past can be a proof of nothing for the future, but upon a supposition, that there is a resemblance betwixt them. This therefore is a point, which can admit of no proof at all, and which we take for granted without any proof.

We are determined by custom alone to suppose the future conformable to the past. When I see a billiard-ball moving towards another, my mind is immediately carry'd by habit to the usual effect, and anticipates my fight by conceiving the second ball in motion. There is nothing in these objects, abstractly considered, and independent of experience which

conformidade entre o futuro e o passado, e, por conseguinte, nunca podem provar tal suposição. Tal conformidade é uma questão de fato, e se deve ser provada, só admitirá prova que resulte da experiência. Mas nossa experiência no passado nada pode provar para o futuro, senão na suposição de haver semelhança entre um e outro. Esse é um ponto, pois, que absolutamente pode ser comprovado e que assumimos como certo sem qualquer prova.

Somos determinados exclusivamente pelo hábito a supor o futuro conforme ao passado. Quando vejo uma bola de bilhar movendo-se em direção a outra, minha mente é imediatamente levada pelo hábito ao efeito costumeiro, e antecipa minha visão, concebendo a segunda bola em movimento. Nada há, nesses objetos,

leads me to form any such conclusion and even after I have had experience of many repeated effects of this kind, there is no argument, which determines me to suppose, that the effect will be conformable to past experience. The powers, by which bodies operate, are entirely unknown. We perceive only their sensible qualities: and what reason have we to think, that the same powers will always be conjoined with the same sensible qualities?

'Tis not, therefore, reason which is the guide of life, but custom. That alone determines the mind, in all instances, to suppose the future conformable to the past. However easy this step may seem, reason would never, to all eternity, be able to make it.

This is a very curious discovery, but

considerados abstrata e independentemente da experiência, que me leve a tal conclusão. E mesmo depois de eu ter tido a experiência de muitos efeitos dessa espécie, nenhum argumento me determina a supor que o efeito será conforme à experiência passada. As forças pelas quais os corpos agem são inteiramente desconhecidas. Percebemos apenas suas qualidades sensíveis: e que razão temos para pensar que as mesmas forças hão de aparecer sempre unidas às mesmas qualidades sensíveis?

Não é, pois, a razão que conduz a vida, mas o hábito. Apenas ele determina a mente, em todas as circunstâncias, a supor que o futuro é conforme ao passado. Por mais simples que este passo possa parecer, nem em toda a eternidade a razão seria capaz de dá-lo.

leads us to others, that are still more curious. When I see a billiard-ball moving towards another, my mind is immediately carried by habit to the usual effect, and anticipate my flight by conceiving the second ball in motion. But is this all? Do I nothing but CONCEIVE the motion of the second ball? No surely. I also BELIEVE that it will move. What then is this belief? And how does it differ from the simple conception of any thing? Here is a new question unthought of by philosophers.

When a demonstration convinces me of any proposition, it not only makes me conceive the proposition, but also makes me sensible, that 'tis impossible to conceive any thing contrary. What is demonstratively false implies a contradic-

Essa é uma descoberta muito curiosa, mas nos leva a outras mais curiosas ainda. Quando vejo uma bola de bilhar movendo-se em direção a outra, minha mente é imediatamente levada pelo hábito ao efeito costumeiro e antecipa minha visão concebendo a segunda bola em movimento. Mas isso será tudo? Não faço senão CONCEBER o movimento da segunda bola? Certamente que não. Também ACREDITO que ela vai se mover. Que é, pois, essa crença? E como se distingue da simples concepção de qualquer coisa? Eis uma nova questão não pensada pelos filósofos.

Quando uma demonstração me convence da validade de uma proposição, não apenas me faz conceber a proposição, mas também me dá consciência de que é impossível conceber algo contrário. O que é de-

tion; and what implies a contradiction cannot be conceived. But with regard to any matter of fact, however strong the proof may be from experience, I can always conceive the contrary, tho' I cannot always believe it. The belief, therefore, makes some difference betwixt the conception to which we assent, and that to which we do not assent.

To account for this, there are only two hypotheses. It may be said, that belief joins some new idea to those which we may conceive without assenting to them. But this hypothesis is false. For first, no such idea can be produced. When we simply conceive an object, we conceive it in all its parts. We conceive it as it might exist, tho' we do not believe it to exist. Our belief of it would discover no new

monstrativamente falso implica contradição; e o que implica contradição é inconcebível. Todavia, no que diz respeito a uma questão de fato, não importa quão forte possa ser a prova obtida por meio da experiência, posso sempre conceber o contrário, embora nem sempre possa acreditar nele. A crença, portanto, estabelece certa diferença entre a concepção a que assentimos e aquela a que não assentimos.

Para explicar esta questão, há somente duas hipóteses. Pode-se dizer que a crença acrescenta uma idéia nova àquelas que podemos conceber sem lhes dar nosso assentimento. Mas essa hipótese é falsa. Em primeiro lugar, porque tal idéia não pode ser produzida. Quando simplesmente concebemos um objeto, concebemos-lo em todas as suas partes. Concebe-

qualities. We may paint out the entire object in imagination without believing it. We may set it, in a manner, before our eyes, with every circumstance of time and place. 'Tis the very object conceived as it might exist; and when we believe it, we can do no more.

Secondly, *The mind has a faculty of joining all ideas together, which involve not a contradiction; and therefore if belief consisted in some idea, which we add to the simple conception, it would be in a man's power, by adding this idea to it, to believe anything, which he can conceive.*

Since therefore belief implies a conception, and yet is something more; and since it adds no new idea to the conception; it follows, that it is a different MAN-

mo-lo como poderia existir, embora não acreditemos que exista. Nossa crença nele não descobriria nenhuma nova qualidade. Podemos representar o objeto inteiro na imaginação, sem acreditar nele. Podemos colocá-lo, de certo modo, diante de nossos olhos, com todas as circunstâncias de tempo e espaço. É o próprio objeto concebido tal como poderia existir, e quando cremos não podemos fazer nada além disso.

Em segundo lugar, a mente tem a faculdade de unir todas as idéias que não envolvem contradição; e, por isso, se a crença consistisse em alguma idéia que acrescentássemos à simples concepção, estaria no poder do homem, ao acrescentar-lhe tal idéia, crer em qualquer coisa que pudesse conceber.

Uma vez, pois, que a crença implica

NER of conceiving an object; something that is distinguishable to the feeling, and depends not upon our will, as all our ideas do. My mind runs by habit from the visible object of one ball moving towards another, to the usual effect of motion in the second ball. It not only conceives that motion, but feels something different in the conception of it from a mere reverie of the imagination. The presence of this visible object, and the constant conjunction of that particular effect, render the idea different to the feeling from those loose ideas, which come into the mind without any introduction. This conclusion seems a little surprizing; but we are led into it by a chain of propositions, which admit of no doubt. To ease the reader's memory I shall briefly resume them. No

uma concepção, e ainda é algo mais, e uma vez que não acrescenta nenhuma idéia nova à concepção, segue-se que se trata de um modo diferente de conceber um objeto; algo que se pode distinguir do sentir, e que não depende de nossa vontade, como ocorre com todas as nossas idéias. Minha mente, por hábito, corre do objeto visível de uma bola movendo-se em direção a outra, para o efeito usual do movimento na segunda bola. Não apenas concebe tal movimento, mas sente na sua concepção algo que difere de um simples devaneio da imaginação. A presença desse objeto visível e a conjunção constante daquele efeito específico, tornam a idéia, em relação ao sentir, diferente daquelas idéias vagas que vêm à mente sem nenhuma introdução. Essa conclusão parece um tanto surpreendente; mas so-

matter of fact can be proved but from its cause or its effect. Nothing can be known to be the cause of another but by experience. We can give no reason for extending to the future our experience in the past; but are entirely determined by custom, when we conceive an effect to follow from its usual cause. But we also believe an effect to follow, as well as conceive it. This belief joins no new idea to the conception. It only varies the manner of conceiving, and makes a difference to the feeling or sentiment. Belief, therefore, in all matters of fact arises only from custom, and is an idea conceived in a peculiar manner.

Our author proceeds to explain the manner or feeling which renders belief different from a loose conception. He

mos levados a ela por uma cadeia de proposições que não admitem dúvidas. Para ajudar a memória do leitor, vou resumilas brevemente. Nenhuma questão de fato pode ser provada senão a partir de sua causa ou de seu efeito. Nada pode ser conhecido como sendo causa de outra coisa senão pela experiência. Não podemos apresentar razão alguma para estender ao futuro nossa experiência do passado; mas somos inteiramente determinados pelo costume quando concebemos um efeito seguindo-se a sua causa habitual. Mas também cremos que um efeito se segue, ao mesmo tempo que o concebemos. Tal crença não acrescenta nenhuma idéia nova à concepção. Apenas modifica a maneira de conceber e produz uma diferença para a sensibilidade ou sentimento. A crença, portanto,

seems sensible, that 'tis impossible by words to describe this feeling, which every one must be conscious of in his own breast. He calls it sometimes, a stronger conception, sometimes a more lively, a more vivid, a firmer, or a more intense conception. And indeed, whatever name we may give to this feeling, which constitutes belief, our author thinks it evident, that it has a more forcible effect on the mind than fiction and mere conception. This he proves by its influence on the passions and on the imagination; which are only moved by truth or what is taken for such. Poetry, with all its art, can never cause a passion, like one in real life. It fails in the original conception of its objects, which never feel in the same manner as those which command our belief

em todas as questões de fato, brota apenas do costume, e é uma idéia concebida de um modo peculiar.

Nosso autor passa a explicar o modo ou o sentir que torna a crença diferente de uma concepção vaga. Parece reconhecer que é impossível descrever com palavras este sentir, de que cada um deve se conscientizar no seu íntimo. Chama-o às vezes de concepção *mais forte*, e outras vezes de *mais vívida*, *mais animada*, *mais firme*, ou *mais intensa*. De fato, não importa o nome que dermos a tal sentir que constitui a crença, nosso autor julga evidente que ele produz na mente um efeito mais enérgico do que a ficção ou a mera concepção. Prova-o pela influência que exerce sobre as paixões e a imaginação; que só são movidas pela verdade ou pelo que se

and opinion.

Our author presuming, that he had sufficiently proved, that the ideas we as- sent to are different to the feeling from the other ideas, and that this feeling is more firm and lively than our common conception, endeavours in the next place to explain the cause of this lively feeling by an analogy with other acts of the mind. His reasoning seems to be curious; but could scarce be rendered intelligible, or at least probable to the reader, without a long detail, which would exceed the compass I have prescribed to myself.

I have likewise omitted many argu- ments, which he adduces to prove that belief consits merely in a peculiar feeling or sentiment. I shall only mention one; our past experience is not always uni-

toma como verdade. A poesia, com toda a sua arte, jamais pode causar uma paixão, como as da vida real. Falha na concepção original de seus objetos, que nunca *se fazem sentir* do mesmo modo que aqueles que comandam nossa crença e opinião.

Nosso autor, presumindo ter provado suficientemente que as idéias às quais assentimos são diferentes das outras, e que este sentir é mais firme e vivo do que nossas concepções comuns, procura, a seguir, explicar a causa deste vivo sentimento, por meio de uma analogia com outros atos da mente. Seu raciocínio parece curioso; mas dificilmente se tornaria inteligível, ou ao menos provável para o leitor, sem uma longa e detalhada explanação, o que excederia os limites que me impus.

Omiti igualmente muitos argumen-

form. Sometimes one effect follows from a cause, sometimes another: In which case we always believe, that that will exist which is most common. I see a billiard-ball moving towards another. I cannot distinguish whether it moves upon its axis, or was struck so as to skim along the table. In the first case, I know it will not stop after the shock. In the second it may stop. The first is most common, and therefore I lay my account with that effect. But I also conceive the other effect, and conceive it as possible, and as connected with the cause. Were not the one conception different in the feeling or sentiment from the other, there would be no difference betwixt them.

We have confin'd ourselves in this whole reasoning to the relation of cause

tos que ele aduz para provar que a crença consiste meramente num tipo peculiar de sentir ou sentimento. Mencionarei apenas um: nossa experiência passada nem sempre é uniforme. Algumas vezes um efeito se segue a uma causa, outras vezes, outro. Nesse caso, sempre acreditamos que ocorrerá o mais comum. Vejo uma bola de bilhar movendo-se em direção a outra. Não posso distinguir se move-se sobre seu eixo ou se foi batida para deslizar sobre a mesa. No primeiro caso, sei que não irá parar depois do choque; no segundo, pode parar. O primeiro caso é mais comum, por isso apóio meu cálculo sobre esse efeito. Mas também concebo o outro efeito, e o concebo como possível e em conexão com a causa. Se uma concepção não fosse diferente da outra, no que diz respeito ao sentir ou sentimento,

and effect, as discovered in the motions and operations of matter. But the same reasoning extends to the operations of the mind. Whether we consider the influence of the will in moving our body, or in governing our thought, it may safely be affirmed, that we could never foretel the effect, merely from the consideration of the cause, without experience. And even after we have experience of these effects, 'tis custom alone, not reason, which determines us to make it the standard of our future judgments. When the cause is presented, the mind, from habit, immediately passes to the conception and belief of the usual effect. This belief is something different from the conception. It does not, however, join any new idea to it. It only makes it be felt differently, and renders

não haveria nenhuma diferença entre elas.

Restringimo-nos, em todo esse raciocínio, à relação de causa e efeito, descoberta nos movimentos e operações da matéria. Mas o mesmo raciocínio se estende às operações da mente. Quer consideremos a influência da vontade no movimento do nosso corpo, ou no controle do nosso pensamento, pode-se afirmar com segurança que jamais conseguimos predizer o efeito, pela mera consideração da causa, sem a experiência. E mesmo depois de termos a experiência desses efeitos, é o hábito apenas, não a razão, que nos determina a fazer deles o padrão de nossos futuros julgamentos. Quando a causa está presente, a mente, pelo hábito, passa imediatamente à concepção e crença no efeito costumeiro. Essa crença é algo diferente da concepção.

it stronger and more lively.

Having dispatcht this material point concerning the nature of the inference from cause and effect, our author returns upon his footsteps, and examines anew the idea of that relation. In the considering of motion communicated from one ball to another, we could find nothing but contiguity, priority in the cause, and constant conjunction. But, beside these circumstances, 'tis commonly suppos'd, that there is a necessary connexion betwixt the cause and effect, and that the cause possesses something, which we call a power, or force, or energy. The question is, what idea is annex'd to these terms? If all our ideas or thoughts be derived from our impressions, this power must either discover itself to our senses, or to our internal

Não lhe acrescenta, no entanto, nenhuma idéia nova. Apenas nos faz senti-la diferentemente, tornando-a mais forte e mais viva.

Tendo esgotado esse ponto importante concernente à natureza da inferência de causa e efeito, nosso autor retorna sobre seus passos e reexamina a idéia dessa relação. Ao considerar o movimento transmitido de uma bola para a outra, só podemos encontrar contigüidade, prioridade na causa e conjunção constante. Todavia, além dessas circunstâncias, supõe-se comumente que existe uma conexão necessária entre causa e efeito, e que a causa possui algo que chamamos poder, ou força, ou energia. A questão é a seguinte: que idéia se vincula a esses termos? Se todas as nossas idéias ou pensamentos derivam de nossas impressões, tal força deve revelar-se ou aos nossos

feeling. But so little does any power discover itself to the senses in the operations of matter, that the Cartesians have made no scruple to assert, that matter is utterly deprived of energy, and that all its operations are perform'd merely by the energy of the supreme Being. But the question still recurs, What idea have we of energy or power even in the Supreme Being? All our idea of a Deity (according to those who deny innate ideas) is nothing but a composition of those ideas, which we acquire from reflecting on the operations of our own minds. Now our own minds afford us no more notion of energy than matter does. When we consider our will or volition a priori, abstracting from experience, we should never be able to infer any effect from it. And when we take

sentidos ou ao nosso sentimento interior. Mas os sentidos percebem tão precariamente qualquer poder nas operações da matéria, que os cartesianos não tiveram nenhum escrúpulo em afirmar que a matéria é totalmente desprovida de energia, e que todas as suas operações são realizadas meramente pela energia do Ser supremo. Entretanto, a questão volta mais uma vez: *Que idéia temos de energia, ou poder, mesmo no Ser supremo?* Toda a nossa idéia de uma Divindade, (de acordo com aqueles que negam as idéias inatas), não passa de uma composição daquelas idéias adquiridas a partir da reflexão sobre as operações de nossas próprias mentes. Ora, nossas mentes não nos dão maior noção de energia do que nos dá a matéria. Quando consideramos nossa vontade, ou volição, *a priori*,

the assistance of experience, it only shows us objects contiguous, successive, and constantly conjoined. Upon the whole, then, either we have no idea at all of force and energy, and these words are altogether insignificant, or they can mean nothing but that determination of the thought, acquir'd by habit, to pass from the cause to its usual effect. But whoever would thoroughly understand this must consult the author himself. 'Tis sufficient, if I can make the learned world apprehend, that there is some difficulty in the case, and that whoever solves the difficulty must say some thing very new and extraordinary; as new as the difficulty itself.

By all that has been said the reader will easily perceive, that the philosophy

abstraída a experiência, não somos capazes de inferir daí qualquer efeito. E quando recorremos à experiência, ela nos mostra apenas objetos contíguos, sucessivos e constantemente reunidos. Afinal, pois, ou não temos idéia alguma de força e energia, e essas palavras são de todo sem significação, ou nada querem dizer além da determinação do pensamento, adquirida pelo hábito, de passar da causa ao seu efeito usual. Todavia, quem quiser compreender essa questão perfeitamente, deve consultar o próprio autor. É suficiente que eu consiga fazer o mundo culto captar que existe no caso certa dificuldade, e quem a resolver tem algo novo e extraordinário a dizer, tão novo quanto a própria dificuldade.

Por tudo o que foi dito, o leitor perceberá facilmente que a filosofia contida

contain'd in this book is very sceptical, and tends to give us a notion of the imperfections and narrow limits of human understanding. Almost all reasoning is there reduced to experience; and the belief, which attends experience, is explained to be nothing but a peculiar sentiment, or lively conception produced by habit. Nor is this all, when we believe any thing of external existence, or suppose an object to exist a moment after it is no longer perceived, this belief is nothing but a sentiment of the same kind. Our author insists upon several other sceptical topics; and upon the whole concludes, that we assent to our faculties, and employ our reason only because we cannot help it. Philosophy wou'd render us entirely Pyrrhonian, were not nature too strong for it.

neste livro é muito cética, e tende a nos dar uma noção das imperfeições e dos estreitos limites do entendimento humano. Quase todos os raciocínios são aí reduzidos à experiência; e a crença, que acompanha a experiência, é explicada como não sendo senão um sentimento peculiar, ou uma vívida concepção produzida pelo hábito. E isso não é tudo; quando acreditamos em algo da existência externa, ou supomos que um objeto existe no momento posterior ao da percepção, essa crença não passa de um sentimento da mesma espécie. Nosso autor insiste em vários outros tópicos céticos; e acaba, em suma, por concluir que assentimos às nossas faculdades e empregamos nossa razão simplesmente por não sermos capazes de evitá-lo. A filosofia nos tornaria totalmente *pyrronianos*, não fosse a na-

I shall conclude the logics of this author with an account of two opinions, which seem to be peculiar to himself, as indeed are most of his opinions. He asserts, that the soul, as far as we can conceive it, is nothing but a system or train of different perceptions, those of heat and cold, love and anger, thoughts and sensations; all united together, but without any perfect simplicity or identity. Descartes maintained that thought was the essence of the mind; not this thought or that thought, but thought in general. This seems to be absolutely unintelligible, since every thing, that exists, is particular: And therefore it must be our several particular perceptions, that compose the mind. I say, compose the mind, not belong to it. The mind is not a substance, in which the

tureza demasiado forte para isto.

Concluirei a lógica desse autor, com o relato de duas opiniões que parecem ser-lhe peculiares, como, de resto, o são a maioria de suas opiniões. Afirma que a alma, até onde somos capazes de concebê-la, não passa de um sistema, ou sucessão de diferentes percepções, as de calor e de frio, amor e ira, pensamentos e sensações, tudo interligado, mas sem nenhuma simplicidade perfeita ou identidade. *Descartes* sustentava que o pensamento é a essência da mente; não este ou aquele pensamento, mas o pensamento em geral: e, portanto, devem ser nossas várias percepções particulares que compõem a mente. Digo compõem a mente, e não pertencem a ela. A mente não é uma substância na qual as percepções são inerentes. Essa noção é tão

perceptions inhere. That notion is as unintelligible as the Cartesian, that thought or perception in general is the essence of the mind. We have no idea of substance of any kind, since we have no idea but what is derived from some impression, and we have no impression of any substance either material or spiritual. We know nothing but particular qualities and perceptions. As our idea of any body, a peach, for instance, is only that of a particular taste, colour, figure, size, consistence, Etc. So our idea of any mind is only that of particular perceptions, without the notion of anything we call substance, either simple or compound.

The second principle, which I proposed to take notice of, is with regard to Geometry. Having denied the infinite di-

ininteligível quanto a cartesiana, segundo a qual o pensamento, ou a percepção em geral, é a essência da mente. Não temos nenhuma idéia de substância, de qualquer espécie, uma vez que não temos nenhuma idéia que não derive de alguma impressão, e não temos nenhuma impressão de qualquer substância, seja material ou espiritual. Nada conhecemos além de qualidades particulares e percepções. Como nossa idéia de qualquer corpo, um pêssego, por exemplo, é somente a de um gosto particular, cor, forma, tamanho, consistência, etc. Assim, nossa idéia de mente é apenas a de percepções específicas, sem a noção de nada que chamamos substância, seja simples ou composta.

O segundo princípio que me propus observar diz respeito à Geometria. Tendo

visibility of extension, our author finds himself obliged to refute those mathematical arguments, which have been adduced for it; and these indeed are the only ones of any weight. This he does by denying Geometry to be a science exact enough to admit of conclusions so subtle as those which regard infinite divisibility. His arguments may be thus explained. All Geometry is founded on the notions of equality and inequality, and therefore according as we have or have not an exact standard of that relation, the science itself will or will not admit of great exactness. Now there is an exact standard of equality, if we suppose that quantity is composed of indivisible points. Two lines are equal when the numbers of the points, that compose them, are equal, and

negado a divisibilidade infinita da extensão, nosso autor sente-se obrigado a refutar aqueles argumentos matemáticos apresentados a favor daquela tese; tais argumentos, de fato, são os únicos que têm algum peso. Para refutá-los, nega que a Geometria seja uma ciência suficientemente exata para admitir conclusões tão sutis como as que dizem respeito à divisibilidade infinita. Seus argumentos podem ser expostos assim: toda a Geometria está fundada nas noções de igualdade e desigualdade, e logo, a própria ciência terá menor ou maior exatidão, conforme tivermos ou não um padrão mais ou menos exato dessa relação. Ora, existe um padrão exato de igualdade, supondo-se que a quantidade é composta de pontos indivisíveis. Duas linhas são iguais quando os números de

when there is a point in one corresponding to a point in the other. But tho' this standard be exact, 'tis useless; since we can never compute the number of points in any line. It is besides founded on the supposition of finite divisibility, and therefore can never afford any conclusion against it. If we reject this standard of equality, we have none that has any pretensions to exactness. I find two that are commonly made use of. Two lines above a yard, for instance, are said to be equal, when they contain any inferior quantity, as an inch, an equal number of times. But this runs in a circle. For the quantity we call an inch in the one is supposed to be equal to what we call an inch in the other: And the question still is, by what standard we proceed when we judge them

pontos que as compõem são iguais, e quando cada ponto de uma corresponde a cada ponto da outra. Mas, mesmo que esse padrão seja exato, é inútil, pois jamais conseguimos contar o número de pontos em nenhuma linha. Além disso, isto se funda na suposição da divisibilidade finita, e, portanto, não pode fornecer qualquer conclusão contra ela. Se rejeitarmos esse padrão de igualdade, não temos outro que possua quaisquer pretensões de exatidão. Posso exemplificar com dois padrões comumente usados. Duas linhas sobre uma jarda, por exemplo, são consideradas iguais quando contêm qualquer quantidade inferior, como uma polegada, o mesmo número de vezes. Mas isso é um círculo vicioso. Pois a quantidade que chamamos de polegada, em uma das linhas, é suposta-

to be equal; or, in other words, what we mean when we say they are equal. If we take still inferior quantities, we go on in infinitum. This therefore is no standard of equality. The greatest part of philosophers, when ask'd what they mean by equality, say, that the word admits of no definition, and that it is sufficient to place before us two equal bodies, such as two diameters of a circle, to make us understand that term. Now this is taking the general appearance of the objects for the standard of that proportion, and renders our imagination and senses the ultimate judges of it. But such a standard admits of no exactness, and can never afford any conclusion contrary to the imagination and senses. Whether this question be just or not, must be left to the learned world

mente igual à que chamamos de polegada na outra. E a questão ainda é: por que padrão procede-mos quando as julgamos iguais: ou, com outras palavras, que queremos dizer quando dizemos que elas são iguais. Se tomarmos quantidades ainda menores, seguiremos assim *in infinitum*. Logo, não é nenhum padrão de igualdade. Os filósofos, em sua maioria, quando perguntados sobre o que entendem por igualdade, respondem que a palavra não admite definições, e que basta colocar diante de nós dois corpos iguais, tais como dois diâmetros de um círculo, para fazer-nos entender esse termo. Ora, isso é tomar a aparência geral dos objetos como padrão dessa proporção, e entregar à nossa imaginação e aos nossos sentidos o último julgamento sobre ela. Mas, tal padrão não

to judge. 'Twere certainly to be with'd, that some expedient were fallen upon to reconcile philosophy and common sense, which with regard to the question of infinite divisibility have wag'd most cruel wars with each other.

We must now proceed to give some account of the second volume of this work, which treats of the *PASSIONS*. 'Tis of more easy comprehension than the first; but contains opinions, that are altogether as new and extraordinary. The author begins with pride and humility. He observes, that the objects which excite these passions, are very numerous, and seemingly very different from each other. *Pride* or *self-esteem* may arise from the qualities of the mind; wit, good-sense, learning, courage, integrity: from those

admite nenhuma exatidão e não consegue fornecer conclusão contrária à imaginação e aos sentidos. Se a questão é válida ou não, o mundo dos sábios deverá julgar. Seria certamente desejável que se descobrisse algum expediente para reconciliar a filosofia com o senso comum, os quais, no que concerne a questão da divisibilidade infinita, sustentaram guerras muito cruéis.

Devemos agora continuar, para fazer alguma consideração sobre o segundo tomo desta obra, que trata das *PAIXÕES*. É de compreensão mais fácil que o primeiro, mas contém igualmente opiniões inteiramente novas e extraordinárias. O autor começa examinando o *orgulho* e a *humildade*. Observa que os objetos que despertam essas paixões são muitos e, aparentemente, muito diferentes uns dos outros. O orgu-

of the body; beauty, strength, agility, good mein, address in dancing, riding, fencing: from external advantages; country, family, children, relations, riches, houses, gardens, horses, dogs, cloaths. He afterwards proceeds to find out that common circumstance, in which all these objects agree, and which causes them to operate on the passions. His theory likewise extends to love and hatred, and other affections. As these questions, tho' curious, could not be rendered intelligible without a long discourse, we shall here omit them.

It may perhaps be more acceptable to the reader to be informed of what our author says concerning free-will. He has laid the foundation of his doctrine in what he said concerning cause and effect, as

lho, ou auto-estima, pode derivar das qualidades da mente: a sagacidade, o bom-senso, o conhecimento, a coragem e a integridade; das qualidades do corpo: a beleza, a força, a agilidade, as boas maneiras, a habilidade para dançar, cavalgar e esgrimir; das vantagens exteriores: país, família, filhos, relações, riquezas, casas, jardins, cavalos, cães, roupas. Em seguida, procura descobrir a circunstância comum a todos esses objetos, que os leva a desencadear as paixões. Sua teoria se estende igualmente ao amor e ao ódio, e outros afetos. Como essas questões, embora curiosas, não seriam compreendidas sem um longo discurso, vamos omiti-las aqui.

Talvez o leitor prefira ser informado sobre o que nosso autor diz a respeito do *livre arbítrio*. Ele fundamentou sua doutri-

above explained. "Tis universally acknowledged, that the operations of external bodies are necessary, and that in the communication of their motion, in their attraction and mutual cohesion, there are not the least traces of indifference or liberty. (...) Whatever therefore is in this respect on the same footing with matter, must be acknowledged to be necessary. That we may know whether this be the case with the actions of the mind, we may examine matter, and consider on what the idea of a necessity in its operations are founded, and why we conclude one body or action to be the infallible cause of another.

"It has been observed already, that in no single instance the ultimate connexion of any object is discoverable either

na naquilo que disse a respeito de causa e efeito como foi exposto acima. "É universalmente reconhecido que as operações dos corpos exteriores são necessárias, e que na comunicação de sua moção, em sua atração e mútua coesão, não existem os menores traços de indiferença ou liberdade. (...) Portanto, tudo o que a tal respeito esteja em pé de igualdade com a matéria, deve ser reconhecido como necessário. Para sabermos se esse é o caso das ações da mente, podemos examinar o assunto e perguntar em que se funda a idéia de uma necessidade em suas operações, e por que concluímos que um corpo ou ação é a causa infalível de um outro."

"Já foi observado que em nenhum só exemplo, a conexão última de qualquer objeto pode ser descoberta, seja por nossos

by our senses or reason, and that we can never penetrate so far into the essence and construction of bodies, as to perceive the principle on which their mutual influence is founded. 'Tis their constant union alone, with which we are acquainted; and 'tis from the constant union the necessity arises, when the mind is determined to pass from one object to its usual attendant, and infer the existence of one from that of the other. Here then are two particulars, which we are to regard as essential to necessity, viz. the constant union and the inference of the mind, and wherever we discover these we must acknowledge a necessity." Now nothing is more evident than the constant union of particular actions with particular motives. If all actions be not constantly united with

sentidos, ou por nossa razão, e que jamais podemos penetrar tão profundamente a essência e construção dos corpos, a ponto de percebermos o princípio sobre o qual se funda sua mútua influência. É só com sua união constante que o conhecemos; daí se origina a necessidade, quando a mente é determinada a passar de um objeto para seu habitual correlato, e infere a existência de um pelo outro. Aqui, pois, estão duas particularidades que devemos considerar como essenciais à *necessidade*, quais sejam, a *união* constante e a *inferência* da mente, e onde quer que as encontrarmos, devemos reconhecer uma *necessidade*." Ora, nada é mais evidente do que a constante união de ações particulares com motivos particulares. Se todas as ações não são constantemente ligadas a seus motivos

their proper motives, this uncertainty is no more than what may be observed every day in the actions of matter, where by reason of the mixture and uncertainty of causes, the effect is often variable and uncertain. Thirty grains of opium will kill any man that is not accustomed to it; tho' thirty grains of rhubarb will not always purge him. In like manner the fear of death will always make a man go twenty paces out of his road; tho' it will not always make him do a bad action.

And as there is often a constant conjunction of the actions of the will with their motives, so the inference from the one to the other is often as certain as any reasoning concerning bodies: and there is always an inference proportioned to the constancy of the conjunction. On this is

próprios, essa incerteza nada mais é do que o que pode ser observado cada dia no comportamento da matéria, onde, em razão da mistura e incerteza de causas, o efeito é freqüentemente variável e incerto. Trinta grãos de ópio matarão qualquer homem não acostumado ao seu uso, embora trinta grãos de ruibarbo nem sempre lhe sirvam de laxativo. Assim também, o medo da morte sempre levará um homem a afastar-se vinte passos do seu caminho, embora nem sempre o leve a praticar uma má ação.

E como freqüentemente existe uma conjunção constante entre as ações da vontade e seus motivos, assim a inferência de uma para outra é freqüentemente tão certa quanto qualquer raciocínio sobre os corpos: e há sempre uma inferência proporcional à constância da conjunção. Nisso fun-

founded our belief in witnesses, our credit in history, and indeed all kinds of moral evidence, and almost the whole conduct of life.

Our author pretends, that this reasoning puts the whole controversy in a new light, by giving a new definition of necessity. And, indeed, the most zealous advocates for free-will must allow this union and inference with regard to human actions. They will only deny, that this makes the whole of necessity. But then they must shew, that we have an idea of something else in the actions of matter; which, according to the foregoing reasoning, is impossible.

Thro' this whole book, there are great pretensions to new discoveries in philosophy; but if any thing can intitle

damenta-se nossa crença em testemunhos, nossa confiança na história, e, na verdade, todo tipo de evidência moral, e quase toda conduta de vida.

Nosso autor assegura que esse raciocínio traz nova luz a toda essa controvérsia, ao dar uma nova definição de necessidade. E, com efeito, os mais zelosos defensores do livre arbítrio devem admitir essa união e inferência no que diz respeito às ações humanas. Negarão apenas que isso esgote a questão da necessidade. Sendo assim, terão de mostrar que temos uma idéia de algo mais nas ações da matéria; o que, de acordo com o raciocínio anterior, é impossível.

Ao longo de todo este livro, há grandes pretensões de novas descobertas em filosofia; mas se qualquer coisa pode con-

*the author to so glorious a name as that of an inventor, 'tis the use he makes of the principle of the association of ideas, which enters into most of his philosophy. Our imagination has a great authority over our ideas; and there are no ideas that are different from each other, which it cannot separate, and join, and compose into all the varieties of fiction. But notwithstanding the empire of the imagination, there is a secret tie or union among particular ideas, which causes the mind to conjoin them more frequently together, and makes the one, upon its appearance, introduce the other. Hence arises what we call the *apropos* of discourse: hence the connection of writing: and hence that thread, or chain of thought, which a man naturally supports even in the loosest*

ferir ao autor um título tão glorioso como o de inventor, é o uso que ele faz do princípio da associação de idéias, que perpassa a maior parte de sua filosofia. Nossa imaginação tem grande ascendência sobre nossas idéias; e não há idéias, distintas umas das outras, que ela não seja capaz de separar, juntar e compor em todas as variedades da ficção. Mas apesar do império da imaginação, existe um elo secreto ou união entre idéias específicas, que determina a mente a juntá-las mais freqüentemente, e faz com que uma, ao surgir, introduza a outra. Daí advém o que chamamos *apropos* do discurso; daí a conexão da escrita. E daí aquela linha, ou cadeia de pensamento, que um homem naturalmente sustenta, mesmo na mais vaga *réverie*. Esses princípios de associação se

reverie. *These principles of association are reduced to three, viz. Resemblance; a picture naturally makes us think of the man it was drawn for. Contiguity; when St. Dennis is mentioned, the idea of Paris naturally occurs. Causation; when we think of the son, we are apt to carry our attention to the father. 'Twill be easy to conceive of what vast consequence these principles must be in the science of human nature, if we consider, that so far as regards the mind, these are the only links that bind the parts of the universe together, or connect us with any person or object exterior to ourselves. For as it is by means of thought only that any thing operates upon our passions, and as these are the only ties of our thoughts, they are really to us the cement of the universe,*

reduzem a três, quais sejam, *Semelhança: um retrato faz-nos naturalmente pensar no homem que foi retratado; Contigüidade: quando St. Denis é mencionado, a idéia de Paris ocorre naturalmente; Causa: quando pensamos no filho, estamos aptos a transferir nossa atenção para o pai. Será fácil conceber de quão vastas conseqüências devem ser esses princípios na ciência da natureza humana, se considerarmos que, no que diz respeito à mente, são esses os únicos elos que atam entre si as partes do universo, ou que nos ligam com qualquer pessoa ou objeto exterior a nós. Pois, sendo apenas por meio do pensamento que qualquer coisa opera sobre nossas paixões, e como esses são os únicos laços de nossos pensamentos, eles são realmente, para nós, o cimento do universo, e todas as opera-*

*and all the operations of the mind must,
in a great measure, depend on them.*

FINIS

ções da mente, em grande medida, devem
deles depender.

FINIS



Impressão:
Edeme Ind. Gráfica e Comunicação S.A.
Florianópolis - Tel: (048) 234.1122

EDITORA PARALIA
Praça Júlio Bozzano, 51/31 - CEP 90040-240
Porto Alegre -Tel/Fax: (051) 331.6546

1995



Document Outline

- [Page 1](#)
- [Page 2](#)
- [Page 3](#)
- [Page 4](#)
- [Page 5](#)
- [Page 6](#)
- [Page 7](#)
- [Page 8](#)
- [Page 9](#)
- [Page 10](#)
- [Page 11](#)
- [Page 12](#)
- [Page 13](#)
- [Page 14](#)
- [Page 15](#)
- [Page 16](#)
- [Page 17](#)
- [Page 18](#)
- [Page 19](#)
- [Page 20](#)
- [Page 21](#)
- [Page 22](#)
- [Page 23](#)
- [Page 24](#)
- [Page 25](#)
- [Page 26](#)
- [Page 27](#)
- [Page 28](#)
- [Page 29](#)
- [Page 30](#)
- [Page 31](#)
- [Page 32](#)
- [Page 33](#)
- [Page 34](#)
- [Page 35](#)
- [Page 36](#)
- [Page 37](#)
- [Page 38](#)
- [Page 39](#)
- [Page 40](#)
- [Page 41](#)

- [Page 42](#)
- [Page 43](#)
- [Page 44](#)
- [Page 45](#)
- [Page 46](#)
- [Page 47](#)
- [Page 48](#)
- [Page 49](#)
- [Page 50](#)
- [Page 51](#)
- [Page 52](#)
- [Page 53](#)
- [Page 54](#)
- [Page 55](#)
- [Page 56](#)
- [Page 57](#)
- [Page 58](#)
- [Page 59](#)
- [Page 60](#)
- [Page 61](#)
- [Page 62](#)